

AGRICULTURA, MERA ATIVIDADE DA NOSSA ECONOMIA OU SECTOR ESTRATÉGICO NACIONAL?

A Agricultura enquanto atividade sempre desempenhou um papel fundamental no que respeita à produção de alimentos e ao desenvolvimento económico e social de determinadas regiões do País. No entanto, tem sido este papel e respetiva importância reconhecidos ao ponto de se encarar a Agricultura como um sector estratégico nacional?

Constatamos que, ao longo dos últimos anos, a estratégia adotada tem sido a de crescente dependência do exterior, não existindo reservas nem produções estratégicas em produtos base da nossa alimentação, fruto da famigerada globalização. Apesar do reconhecido papel que a agricultura tem desempenhado em tempos de crise, o que atesta a importância que este sector poderá e deverá desempenhar ao nível económico e social, tardamos a assistir à implementação de uma real estratégia para o sector que traduza a sua importância e o encare como um sector estratégico nacional.



1. FERNANDO DO ROSÁRIO – PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE BEJA E BRINCHES E VICE-PRESIDENTE DO GRUPO DE TRABALHO SECTORIAL DO AZEITE “AZEITONAS E AZEITE” DO COPA-COGECA, INSTITUIÇÃO EUROPEIA QUE REPRESENTA AS COOPERATIVAS E OS OLIVICULTORES DA UNIÃO EUROPEIA.

Com a crise atual, em virtude da pandemia que passamos, da guerra que a todos preocupa, não só pelas vidas e pelos impactos diretos da mesma, mas também por os países nela envolvidos serem, por um lado, o maior produtor europeu de alguns bens alimentares estratégicos, e por outro, um dos maiores fornecedores de fertilizantes, energia e fatores de produção a nível mundial, faz com que o crescimento do valor dos produtos agrícolas possa ser insuficiente para colmatar o enorme aumento energético e dos fatores de produção que temos presenciado e cujos desenvolvimentos são difíceis de prever.

O agricultor tem um enorme desafio pela frente, o de como alimentar o planeta com uma população e necessidades crescentes, nunca devendo ser encarado como um delapidador de recursos, mas sim acarinhado como ambientalista praticante, que na realidade é!

Os agricultores necessitam de margem para produzir, pois de outra forma seremos obrigados a travar a produção. Analisando este quadro, poderemos chegar a um ponto em que vamos assistir não apenas à escassez de bens alimentares, como também à possibilidade destes chegarem aos consumidores a valores inacessíveis para muitos bolsos.

A larga introdução de áreas de regadio no perímetro de rega do Alqueva, potenciando produções e mitigando alterações e aleatoriedades climáticas ajudará sem dúvida a suprir necessidades, mas não corrige de todo, principalmente por ser mais um problema postecipado.



2. FERNANDO DO ROSÁRIO – PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE BEJA E BRINCHES E VICE-PRESIDENTE DO GRUPO DE TRABALHO SECTORIAL DO AZEITE “AZEITONAS E AZEITE” DO COPA-COGECA, INSTITUIÇÃO EUROPEIA QUE REPRESENTA AS COOPERATIVAS E OS OLIVICULTORES DA UNIÃO EUROPEIA.

As gerações anteriores sempre nos ensinaram que os problemas evitam-se, sendo assim mais fácil de atuar e sermos eficientes, contrariamente a só agir quando os problemas já se encontram instalados, limitando-nos a reagir. Nessa ótica, torna-se fundamental que atuemos no sentido de equilibrar a produção com a conservação de alimentos, facilitando assim os necessários incrementos produtivos para o nosso País. As Cooperativas têm uma enorme importância na criação da necessária dimensão para todos os produtores, bem como no importante papel de organizar os mesmos, de proporcionar o armazenamento das produções e de criar escala quer para a comercialização, quer para aquisição de fatores de produção. Como tal, é fundamental que estas organizações devam ser preservadas e incluídas como um parceiro essencial na estratégia a desenvolver para o sector, pela importância anteriormente expressa.

Apenas produtores e Cooperativas sólidas conseguem apoiar a produção, aumentando quantidades produzidas e beneficiando todos.

Será sempre bem-vinda a rastreabilidade, a preservação, mas chegou a hora de nos preocuparmos igualmente com a produção, potenciando-a, incrementando-a e encarando a Agricultura como um sector estratégico nacional. Só assim poderemos reduzir a dependência e preocuparmo-nos verdadeiramente em nos aproximarmos da soberania alimentar. A tudo o anteriormente citado poderemos acrescentar a situação de seca severa sentida atualmente no nosso País, onde os impactos nas culturas instaladas deixará enormes marcas na campanha atual e limitações produtivas, mesmo que surjam durante a campanha precipitações significativas.

O agricultor tem um enorme desafio pela frente, o de como alimentar o planeta com uma população e necessidades crescentes, nunca devendo ser encarado como um delapidador de recursos, mas sim acarinhado como ambientalista praticante, que na realidade é! ●